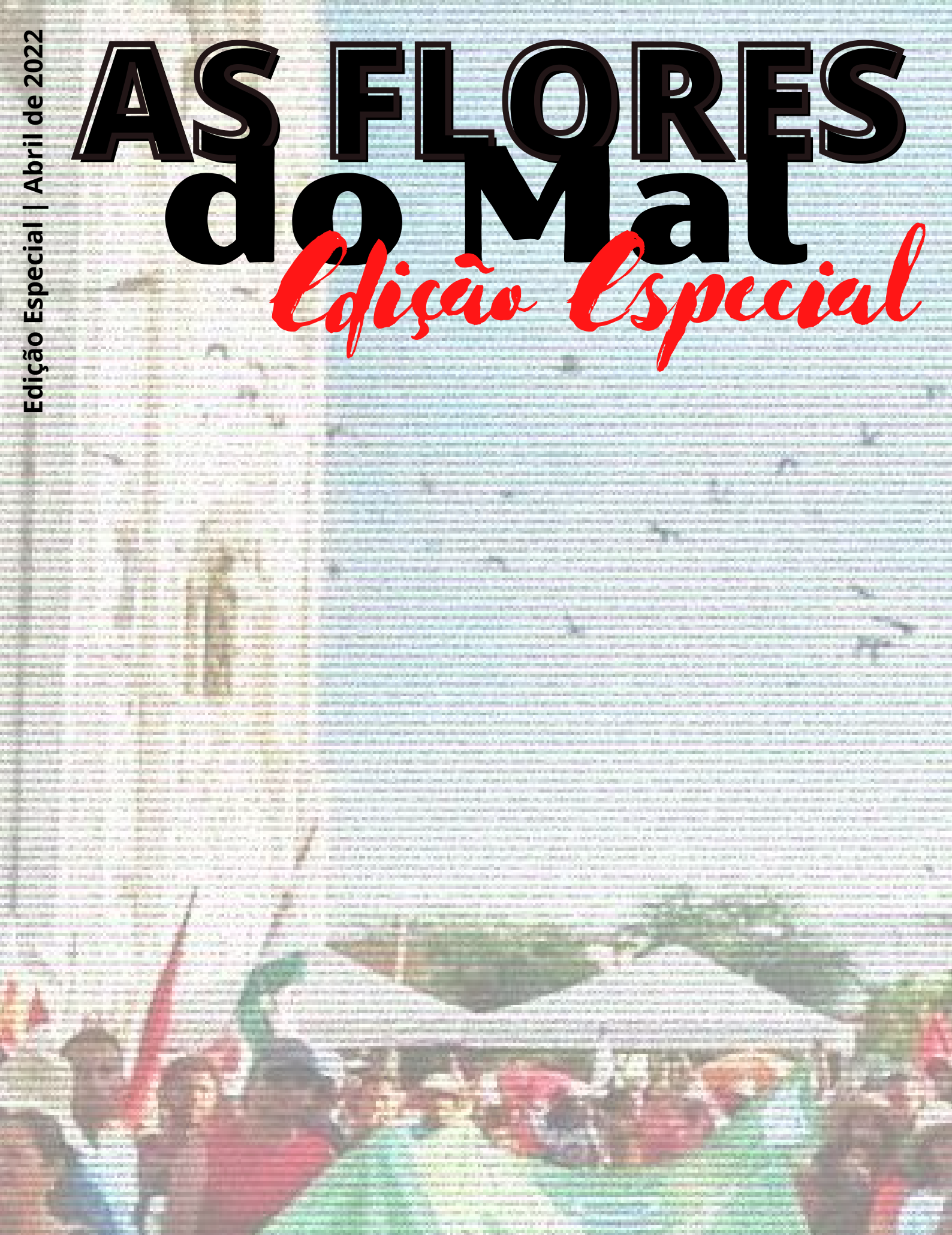


Edição Especial | Abril de 2022

AS FLORES do Mat

Edição Especial



**Núcleo Temático: Memórias e lutas sociais
no Vale do Submédio São Francisco**



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

Edição Especial | Abril de 2022

As Flores do Mal

Edição Especial

**Núcleo Temático: Memórias e lutas sociais
no Vale do Submédio São Francisco**

Organização:

Leonardo Milanez de Lima Leandro (docente CADM/Univasf)

Ana Luiza Souza Jesus (discente CCS/Univasf)

Laiane dos Santos Amorim (discente CCS/Univasf)

Luana Dantas Freitas (discente CPSI/Univasf)

Maurício Otávio Loura de Souza (discente CPSI/Univasf)

Milena da Silva Santos (discente CCS/Univasf)

Natan Damasceno Sudário (discente CPSI/Univasf)

Capa: Ana Luiza Souza Jesus

Diagramação: Maurício Otávio Loura de Souza

Trabalho produzido no âmbito das atividades relacionadas com o Núcleo Temático Memórias e Lutas Sociais no Vale do Submédio São Francisco, do Colegiado de Ciências Sociais da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Agradecemos imensamente ao camarada João Gilberto Guimarães Sobrinho e à poeta Pók Ribeiro pela inestimável colaboração para esta produção.

Fotos e desenhos dos integrantes do grupo, gentilmente cedidas para esta publicação.

Editorial

A genialidade, em certa medida, habita na necessidade. Nós, seres humanos, espécie em coletivo, temos a dádiva de conseguir consonar divergentes sinapses mentais em torno de uma criação, um bem em comum. Evoluímos – e a considerar os adventos da tão aclamada modernidade, regredimos – assim. Pense, rememore comigo a sensação florida que é estar em conluio com o(s) outro(s), a sensação de acolhimento desabrochando no peito, nos afirmando ao que não viemos para esta Terra, que é estarmos sozinhos(as).

É esta criatividade em coletivo que atravessa este trabalho “de cabo à rabo”, desde a proposta inicial do Núcleo Temático, a formação e escolha do tema deste grupo, o que nos propomos a investigar e produzir a partir disso. Compreender o Círculo Literário Analítico Experimental (CLAE) como um movimento literário *per si* nos fez conhecer uma outra fronteira das lutas sociais empreendidas neste país, a luta dos que rimam, clamam pela palavra, fazem e refazem caminhos pelo papel.

A literatura, arte que foi palco de gênios forjados em meio aos contextos da mais profunda desigualdade, tais como Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus, foi o mecanismo basilar de cri(ação), reivindicação e dedicação de homens e mulheres oparenses que reagiam ao cenário de “silêncio de mordaza”. No entanto, não bastava escrever, era preciso conceber, criticar, evoluir, propagar.

Quando se está fora dos círculos hegemônicos, tudo o que é feito ganha uma significância política ao qual não tem escapatória. Dedicar mentes, bocas, mãos e pés pela publicação, ainda que artesanalmente, dando espaço às poéticas femininas e emergentes, infelizmente, não é o tipo de coisa que se vê em todas as esquinas. São movimentos desenhados pela revolta que inquieta e pelo amor que concretiza.

É permitindo ser atravessado pelo verso e rememorando o que é estar em caminhada para defender a vida que decidimos bailar pela arte da palavra, deixar ela nos revirar e mostrar o que também podemos ser. E o que somos! Conversar com as mentes pulsantes do CLAE e não ousar nos arriscar neste rio de possibilidades que a criatividade escrita pode proporcionar, seria, no mínimo, um sacrilégio. Atravessar fronteiras e promover encontros foi certamente a grande contribuição extensionista deste trabalho.

Venha em paz e com vontade, porque estas flores só podem fazer mal a quem apenas vê gosto em segregar.

Ana Luiza Souza Jesus

Sumário

Página 07	Apresentação do CLAE
Página 11	Entrevistas
Página 22	Escritura-ação
Página 34	Considerações Finais
Página 35	Referências

Apresentação do CLAE

O Círculo Literário Analítico Experimental (CLAE) emergiu ainda na primeira década do século XXI, a partir de uma proposta de estudantes do curso Letras do campus de Petrolina da Universidade de Pernambuco (UPE). A ideia fundamental era a criação (e luta pela manutenção) de um espaço dedicado à produção, análise e divulgação da arte literária de escritores do Vale do São Francisco.

Para levar a cabo essa proposta, o grupo se organizava em encontros e eventos públicos, que serviram para congregar interessados e difundir a produção de escritores regionais. A essa proposta foi agregada a editoração e publicação de uma revista, “As Flores do Mal”, e mais tarde, a criação de uma editora, a CLAE. Tornou-se, assim, um espaço reconhecido local e nacionalmente, que mobiliza as pessoas na defesa de mais literatura e do enriquecimento cultural da sociedade. O resultado aqui exposto buscará descrever as linhas gerais nas quais ficaram marcadas sua trajetória de luta.

O ano de 2002 foi marcado pela ocorrência de eleições gerais no Brasil. Brasileiras e brasileiros foram às urnas para escolher seus representantes no executivo e legislativo estaduais e também no executivo e legislativo federais. Do ponto de vista econômico, o país vinha aprofundando reformas liberais iniciadas na década de 1980. Pautado na noção de estado mínimo, o governo federal marchou com uma agenda de privatizações, diminuiu subsídios para a indústria nacional e colocou pequenos e médios negócios numa situação difícil, em função da orientação política de dar suporte ao grande capital, em detrimento das reais necessidades sociais da população.

No plano cultural, a agenda liberal também pautou decisões que deram contornos pouco democráticos ao setor e a participação social ocorria em espaços concedidos na gestão pública da cultura (Carvalho, 2009). Desde a controversa criação do Ministério da Cultura, em 1985, que acenava com boas perspectivas, após a desvinculação do Ministério da Educação, a cultura sofreu desfalques importantes para a sua promoção. Conforme observaram Calabre (2005) e Rubim (2007), as políticas destinadas a promover a cultura no Brasil iniciaram uma trajetória de restrição orçamentária e mesmo de desmonte, com a extinção de órgãos na estrutura do governo federal. E apesar da promulgação da Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991, que ficou conhecida como a Lei Rouanet, e da recriação de órgãos dedicados à cultura na estrutura do governo federal, o que pode caracterizar política setorial dos anos de transição entre os séculos XX e XXI é a aplicação de recursos públicos conforme a escolha dos agentes privados.

Nesse ínterim, enquanto a política cultural era tocada mediante a promulgação de dispositivos legais destinados a incentivar empresas privadas a realizarem investimentos em projetos culturais, com o Estado renunciando a parte dos impostos devidos por aquelas empresas (Carvalho, 2009), diversos movimentos e coletivos surgiram na cena cultural, sobretudo em Juazeiro, Bahia: a Associação dos Universitários de Juazeiro, o Círculo de Convivência Cultural, o Centro de Cultura e Debate, o Movimento de Defesa do Velho Chico, são apenas alguns dos que buscaram criar espaços para promover o acesso democrático à cultura. Mas não demonstraram fôlego para se manterem ativos por longos períodos.

Essa trajetória de restrições e de ausência do Estado na promoção da cultura começou a sofrer mudanças justamente a partir de 2003, após os resultados das eleições ocorridas em 2002. Como anotou Calabre (2013), a construção do Plano Nacional de Cultura foi uma agenda importante que ocupou parte dos 2 mandatos do governo Lula.

É nesse contexto que emerge a luta do CLAE, editando e publicando revistas e livros artesanais, com o objetivo central de promover a cultura na região do Vale Submédio do São Francisco. Foi através do uso de espaços públicos, além dos muros da Universidade, que grupos de jovens engajados politicamente e socialmente, aproveitaram aqueles espaços para promoção da pluralidade cultural das suas produções, retratando identidades e experiências vividas. Os encontros e eventos de cultura passaram a agregar mais seguidores, fomentar escritas literárias e disseminar autores da região com suas produções, sem formalidades, mas com força e capacidade de continuar lutando.

Dessa forma surge a necessidade de reconfigurar o campo cultural e promover o território, as produções artísticas e os autores que até então, por marcadores sociais e econômicos, não possuíam condições para reconhecimentos das suas obras. Com 14 revistas editadas e 48 livros publicados, o CLAE já deu voz a quase 300 artistas regionais e nacionais, e com grande participação de artistas femininas. São resultados que põem ainda mais relevo na trajetória de luta do CLAE.

Conforme já anotado anteriormente, a política cultural brasileira nos anos de transição entre os séculos XX e XXI era baseada em dispositivos legais que incentivavam a cultura por meio de renúncias fiscais, retirando da população a possibilidade de participar ativamente na definição da distribuição de recursos públicos para a promoção da cultura. Após os resultados das eleições gerais de 2002, novos paradigmas passaram a fundamentar a elaboração, execução e gestão de políticas públicas. No caso do campo da cultura, com vistas a promover a ampliação da participação popular na definição da distribuição de recursos, conferências em todos os níveis foram realizadas.

Os espaços conquistados pelo CLAE acabaram por colocar alguns de seus idealizadores à frente de uma mudança estrutural na forma de fazer política cultural na região. Com a relevância do movimento, seus integrantes, sobretudo o João Gilberto Guimarães Sobrinho, acabaram ocupando cargos públicos e desempenhando funções que, com a visão da promoção da cultura a partir do que demanda a população, buscaram executar recursos públicos em consonância com os requisitos daquela população e dos fazedores de arte.

Assim, conferências de cultura passaram a ser realizadas, para que os recursos públicos disponíveis pudessem atender, em alguma medida, as necessidades culturais da população da região. Outro resultado importante que deve ser enumerado diz respeito à contribuição do movimento para promover uma mudança no perfil dos circuitos formais de consumo de literatura no Brasil.

Como percebeu Ribeiro (2020), a Literatura Brasileira e a prática do letramento literário estão ancoradas em uma base patriarcal e excludente. Ao dar voz para as mulheres, o CLAE evidencia a importância de sua luta e como ela colabora para situá-la na contramão da globalização neoliberal, opondo-se à exclusão e à discriminação, combatendo para que tal experiência social não seja desperdiçada (Santos, 2002).

Entrevistas

Para elaborar esse trabalho, pudemos contar com a generosidade, disponibilidade e experiência de quem esteve sempre na dianteira do movimento.

João Gilberto Guimarães Sobrinho é escritor e co-fundador do CLAE. Pók Ribeiro é escritora, professora e poeta, e já teve textos e livros publicados pela CLAE.

A partir das conversas realizadas com esses lutadores, refletimos sobre a atuação do CLAE, sua importância e trajetória. E apresentamos representações sintéticas dessas conversas, que demonstram a importância do CLAE como espaço de mobilização social.

A portrait of João Gilberto Guimarães Sobrinho, a man with glasses and a dark shirt, speaking into a microphone. The image is partially obscured by a grey overlay on the right side.

João Gilberto Guimarães Sobrinho

João Gilberto Guimarães Sobrinho é juazeirense, empreendedor e entusiasta da palavra. Poeta, editor, produtor cultural, arte-educador, autor, co-fundador do CLAE, que em 2012 ganhou uma extensão importante, com a fundação da Editora CLAE, organização independente responsável pela edição da revista literária “As flores do Mal” e pela edição e publicação de livros de autores da região e de outras partes do país. Vencedor do prêmio de Melhor Música Local no Festival Edésio Santos da Canção em 2017, com a música Perfume do Passado, feita em parceria com o músico Mariano Carvalho.

Já atuou na rede municipal e estadual de ensino, bem como nos projetos Mais Educação e Mais Cultura do Governo Federal. Foi curador da I Festa Literária de Juazeiro, realizada pela Editora CLAE, e organizador do Encontro Nacional do CLAE. É autor de 5 livros de poemas e já participou de diversas coletâneas de poesia, e administra as publicações da Editora CLAE.

CLAE e a História de luta e resistência do movimento literário com João Gilberto



A caminhada do CLAE começa antes de sua institucionalização enquanto movimento. No ano de 2003, estudantes do curso de Letras da UPE (Campus Petrolina), encabeçados por John Williams e Rildon Hora, projetaram uma revista que atendesse os anseios dos escritores e amantes da literatura no Vale do São Francisco. Denominaram a revista de As Flores do Mal, sendo sua primeira edição editada e publicada naquele ano. A revista contemplava os estudantes da instituição, como também diversas pessoas das cidades circunvizinhas. É o que conta João Gilberto, em entrevista, sobre o momento em que conheceu o projeto, diante das rodas de conversas, nas praças, nos espaços que se reuniam os integrantes da comunidade literária. Conta, ainda, que a revista era impressa e distribuída gratuitamente nos espaços artísticos-culturais.

João Gilberto ingressou naquele curso de Letras da UPE em 2004, mas não chegou a concluir, abandonando no 8º período. E logo no ano seguinte, junto com John Williams e Rildon Hora, fundaram o CLAE. Buscavam saciar a necessidade de um espaço de análise crítica do que era produzido, para além de um movimento para leitura, mas um campo de construção experimental.

No início, nos primeiros encontros, que ocorriam em espaços públicos, logo perceberam a necessidade de expansão, construindo uma comunidade na rede social Orkut, uma das primeiras redes sociais em ambiente virtual. Com isso, o movimento ganhou participantes - militantes, escritores, leitores e artistas - de várias cidades do Brasil.

A projeção alcançada pelo desenvolvimento das atividades do CLAE deixou marcada a sua importância para a comunidade do Vale do São Francisco e além em pelo menos 2 dimensões. No campo social, ao instituir uma editora, o CLAE conseguiu ambientar um processo de produção independente e autônomo para a publicação, diferente das editoras tradicionais. Nas 14 edições da revista *As Flores do Mal* e nos 48 livros publicados até então, onde já se expressaram mais de 300 artistas, a maior parte de textos escritos por mulheres. Uma obra editada e publicada pela CLAE e que demarca bem essa sua função social, é a *Antologia Literária das Mulheres do Vale do São Francisco*, lançada em 2021, que publicou textos de 30 autoras. Na dimensão político-institucional, as vozes do CLAE puderam ser ouvidas ainda no Conselho Municipal de Cultura (CMC), em Juazeiro. É que entre os anos de 2012 e 2014, João Gilberto integrou o CMC e participou das Conferências Municipais de Cultura, da elaboração do Planos Setoriais de Cultura do estado da Bahia e de outros projetos, sempre representando o pensamento coletivo do CLAE, colaborando para a construção de um movimento literário contestador.

E apesar das dificuldades de valorização por parte do poder público e de espaços sociais para a promoção da cultura literária, o CLAE vem resistindo, incentivando a literatura, produzindo materiais e publicando textos dos artistas regionais e nacionais e se tornando uma referência para outros movimentos, sendo ainda o coletivo com mais tempo de atividade na região: uma caminhada de quase 20 anos!

Conforme comenta João Gilberto, o movimento está chegando em um momento de renovação. Destarte, tem buscado estimular a publicação de jovens autores, como uma espécie de projeto para as novas gerações de artistas literários da região. Segundo ele, a presença da juventude com as novas ideias, dá oportunidade de reoxigenar e impulsionar a resistência de um movimento que não se findará nele mesmo, sendo tocado por novas vozes.

Esse entrelaçamento entre a trajetória do CLAE e a vida de João Gilberto não é por acaso. O juazeirense de família simples sempre esteve caminhando com a literatura, a cultura e inserido na comunidade artística desde a adolescência, ao lado de grandes nomes da literatura e da produção local, antes do CLAE. E foi por sentir uma carência de espaços no campo do movimento artístico e cultural para a promoção da literatura que se juntou com seus amigos John Williams e Rildon Hora formando o CLAE, em meio a um tempo de completo ostracismo cultural, onde a cultura e as ações nesse campo sendo minados pelas diretrizes dos governos liberais, inclusive em Juazeiro. Sem uma secretaria que estabelecesse um apoio ao movimento cultural no plano municipal,urgia a necessidade de um movimento independente que trouxesse as ações para a cidade. Assim, com uma atuação engajada na cultura, entende-se como fundamental a sua história para o movimento literário da região.

Ademais, é importante ressaltar que o João Gilberto é uma expressão de resistência e força independente, combativa e dinâmica na região. A sua trajetória, apesar de se confundir, em diversos momentos, ao que é o CLAE, também deve ser pensada como propulsor do caráter que tem o movimento. Há que se notar que o seu perfil enquanto escritor, militante e produtor cultural contribuiu para que o movimento do CLAE se estabelecesse, e foi através do CLAE, e por ser um de seus representantes, que João Gilberto conquistou muitos espaços e tem se tornado uma referência da literatura no Vale do São Francisco.

Outro aspecto importante da participação do João Gilberto no CLAE foi a oportunidade de se pensar uma forma de organização coletiva da arte, como um importante ato de compromisso com o desenvolvimento e a garantia de cultura popular para todos os públicos. Dessa forma, o CLAE abriu portas para espaços, movimentos e artistas, tais como Ariane Samila (SESC), que é coordenadora Núcleo de Estudo e Pesquisa Literária do SESC; Raylane Nayara Soares Batista, que está a frente do projeto Tessituras Narrativas, podcast dedicado a contar histórias de autoras negras da região do Vale do São Francisco; o Bosque Coletivo, dedicado à produção cultural musical, e que tem com o CLAE uma relação de patrono do movimento cultural organizado.

Assim, percebe-se que o movimento ultrapassou as expectativas que se tinha. De uma proposta de promoção do estudo e da análise crítica da literatura, também como espaço de apresentação de autores regionais independentes, o Círculo Literário Analítico Experimental tornou-se um corpo político ativo, atuante e vanguardista no processo de resistência e fortalecimento da cultura na região.

Poemas

O provérbio do espírito

(oração do Juazeiro)

Sou protegido
pelo espectro das carrancas imaginárias
que habitam nos meus ombros cansados
quando toda a minha alma é um barco a vela
que navega pela íris
dos meus olhos vendados.

E ainda que eu naufrague
no horizonte das águas
no rio da sorte,
não me afogarei em mal nenhum
pois a frondosa árvore
será sempre comigo

tenho na mão um terço, do não tenho, ou não,
e tenho ainda muito mais do que eu preciso,

a palavra, na boca, a palavra, na cabeça, a palavra,
no coração.

João Gilberto Guimarães

In: O Quem-não-sabe-segrega

Para Manuca Almeida.

O Jardim dos símbolos

E quando cair me escreva
e diga que tudo está bem
que foi a tempestade
quem bateu à nossa porta
quando ninguém atendeu

diga,

que o silêncio que empreitamos desabou
por sobre as canções que emendamos

verso a verso
verso pelo verso

sonhados na espreita taciturna
da nossa casa da sorte

e ali o tempo se curvava
e a morte fugia
diante da noite enorme
(des)coberta pelo sarcasmo da lua
que brilhando resplandecia

plenamente semeada no plenilúnio
secreto dos nossos amores.

João Gilberto Guimarães



Pók Ribeiro

Poeta, escritora, professora da rede pública, “gente que sente e muito”! Membro-coordenadora do Coletivo Vozes: Mulheres além das margens e do Portal Fazia Poesia. Pesquisadora em produção poética de mulheres no semiárido baiano, autora dos livros Noites e Vagalumes, Pedilua e Endométrio e do podcast “Quarentena livros/e!”. Acredita e luta por uma sociedade mais justa por meio das expressões poéticas-políticas e de uma educação libertadora!

Poeta em (des)construção inconstante refletindo o momento presente e as re(l)ações do mundo com nós mulheres.

O olhar de Pók Ribeiro sobre o/a CLAE



O Círculo Literário Análítico Experimental (CLAE) é mobilizado por várias pessoas e apresenta como maior fundamento a facilitação e propagação de obras de autores desconhecidos. Assim, artistas, principalmente, da região do Vale do São Francisco, podem ter a oportunidade de acessar e conseguir suporte da organização para desenvolver um trabalho em conjunto visando, muitas vezes, superar o desafio que muitos escritores iniciantes enfrentam: reunir recursos financeiros para conseguir publicar. Pók é uma poeta, escritora e professora que vem questionando o papel da Secretarias de Cultura de Petrolina e Juazeiro, e também de outros órgãos públicos relacionados na região, pois para ela ainda faltam movimentos, incentivos e ações que garantam o benefício do acesso da literatura para todos.

Ademais, ao falar sobre isso, ela menciona o autor Antônio Cândido (2011) e seu texto "O direito à literatura", publicado originalmente em 1988, no qual apresenta a literatura como um direito básico do ser humano, pois a ficção/fabulação atua no caráter e na formação dos sujeitos. Afirmativa defendida também por Pók, pois para ela a literatura também se mostra como um direito humano, já que ela alimenta a alma e também reforça e garante a cidadania.

Para a autora, a arte e a literatura são, em primeiro lugar, ações políticas. No entanto, ainda existe essa carência de apoio e políticas públicas de investimentos, fomento e difusão. Diante disso, a escritora traz à tona a importância do CLAE como um movimento de luta, funcionando como um espaço de acolhimento e propagação de vários autores e autoras.

Pók ainda acrescenta que esse movimento se faz a partir da união e junção de todas as pessoas na produção das obras literárias. Segundo ela, além de toda confecção ser de baixo custo, eles ainda concedem autonomia total na elaboração do material, seja na correção, na revisão, na diagramação, no lançamento e até mesmo nas vendas. Com isso, o CLAE atua como um agregador, sendo fundamental para o engajamento, fortalecimento e visibilidade dos autores e autoras. A escritora reforça: “não é só escrever um livro e pagar para a [Editora] CLAE fazer o serviço de editoração e impressão... precisa estar envolvido na ideia do que é aquilo, entender que aquilo é um movimento social e político... eu defendo essa poética política, o meu lugar na poesia, uma poética política”.

Um ponto importante, que vale ser destacado, foi quando a autora trouxe a importância do CLAE no processo de autovalidação e dissociação de comportamentos de autossabotagem. De acordo com a escritora, por um bom tempo, embora não houvesse parado de escrever, havia deixado de submeter suas escritas para uma possível publicação. Ela ressalta que teve alguns receios e medos e muito disso relacionava-se com reflexões sobre o ser mulher e escritora no social. Para Pók, a cultura do patriarcado e a forma como isso é imposto para a sociedade, no sentido de duvidar da qualidade sobre tudo que as mulheres fazem, traz impactos.

Porém, depois de ter iniciado a sua validação enquanto escritora e ter começado a fazer parte do CLAE enquanto lutadora do movimento, isso melhorou. Por fim, a poeta pontua que “o CLAE funciona como um empoderamento, do eu posso escrever, eu consigo escrever, a minha escrita não precisa estar dentro de um padrão... sendo possível de aprender, evoluir e melhorar no que for capaz”. Logo, é nessa linha, que apresentamos abaixo duas produções de Pók.

Poemas

Silente,
Recolho-me ao aquecido fojo dos meus eus
E,
Tomada de fé,
Acocoro-me ao pé da porta do Universo
E
Rezo com minha vó
Todas aquelas suas orações que nunca aprendi.
Minha boca diz suas rogativas
E
As minhas mãos
Percorrem as contas do rosário,
Nas mãos de minha avó.
Com elas,
Rogo às 13 almas vaqueiras pelas porteiras do mundo,
Pelos perdidos de si mesmos,
Pelos desgarrados do amor ao próximo,
Sopro os ciscos dos olhos
E
Com seus benzimentos, suplico pelo alívio imediato
Da cegueira humana.
Eu creio no amanhã
Pela fé de minha(s)
(A)vó(s).

MANCHETE

E no outro dia,
A minha cara no jornal tava escrachada,
Minha boca de batom pisoteada
No asfalto que o homem construiu.
Naquele dia, depois do outro,
Minha palavra, na notícia, tava trocada,
No meu lábio uma farpa atravessada
Da manchete que o homem publicou.
Veio outro dia,
Outro jornal
E mais um homem,
Que minha cara amassou, no folhetim.
Disse verdades, todas dele
E dos seus outros.
Esqueceu a Bruna, a Katarine,
A Gislaine e Mariele,
Não viu o sangue,
Não ouviu o grito,
Não leu o verso
Que arrebentou.
No outro dia, não era eu
Era a luta, no verso torto que ecoou.
Éramos nós.

Pók Ribeiro

Escritura-ação

Inspirados no objeto de nosso trabalho, nas incertezas e nas provocações dele emanadas, dedicamo-nos a dar vida a uma produção textual, em caráter artístico e experimental. Ancorados na concepção de luta, que tão bem representa a existência do Círculo Literário Analítico Experimental, mergulhamos com tudo em nossas mentes (deveras cansadas), e sacamos de lá representações que buscaram expressar, em alguma medida, aquilo que nos mobilizou ao longo dessa jornada.

O resultado? Uma coleção de versos, elaborados por Ana Luiza Souza Jesus, Laiane dos Santos Amorim, Luana Dantas Freitas, Mauricio Otavio Loura de Souza, Milena da Silva Santos, Natan Damasceno Sudario e Leonardo Milanez de Lima Leandro, e imagens produzidas, coletadas, garimpadas pelos mesmos. Apresentamos uma breve auto descrição de cada um desses autores e seus versos.

Palavra falada, carga de poder e magia
Quando bem carregada, altera a história e canaliza
vida

Um salve aos poetas do mundo!
Desestabilizadores dos sonos injustos
Pintores da imaginação
Maestros do desenho do sentimento

A quem se deve o atraso do nosso redor?
A quem não conhece a poesia forjada na dor?
A quem não viu a mãe estremecer pelo Estado em
desamor?

É no tempo do progresso que se teme o
pensamento
No projeto do avanço se falsifica o contentamento

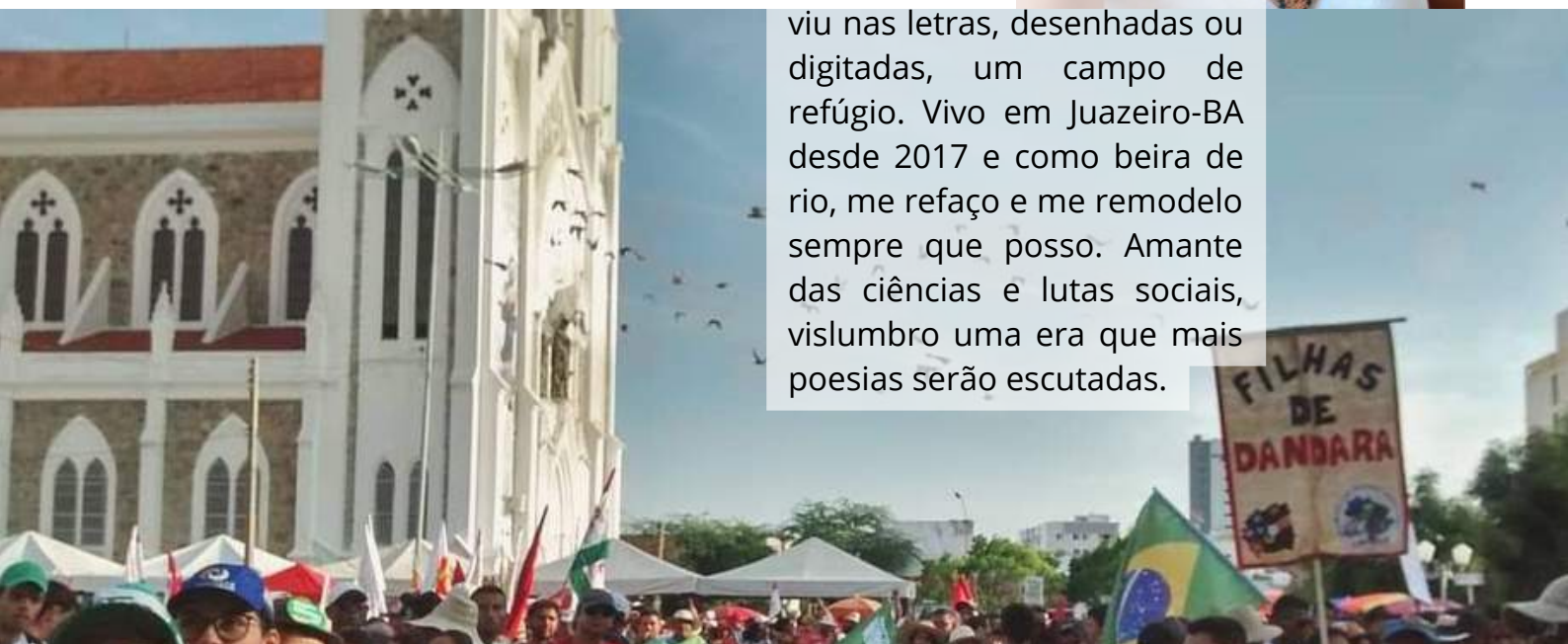
Que a ira do regresso não apague nossos artistas
Aliás, que medo besta este anunciado
Não está aqui, eu e tu, atravessando no verso
Na prosa, na arte milenar de poesiar?

Juazeiro - BA, 07 de fevereiro de 2022

Ana Luiza Souza Jesus



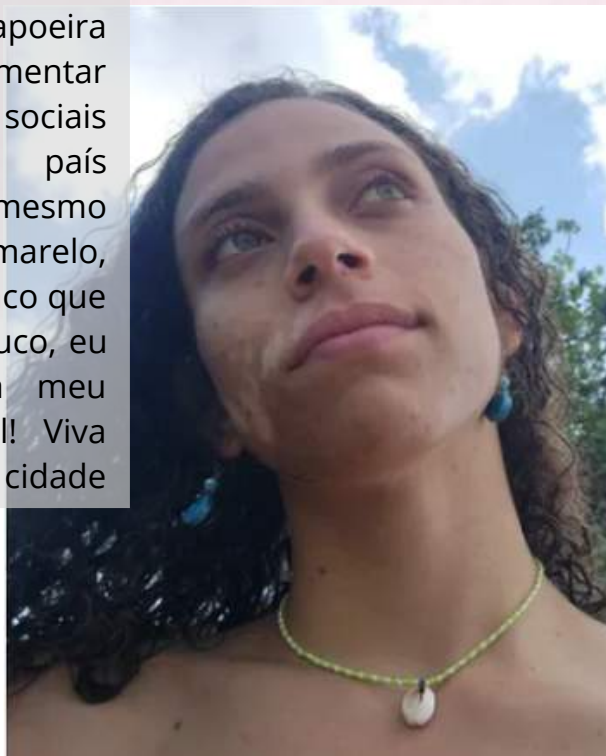
Paulistana criada nas areias do sertão baiano que sempre viu nas letras, desenhadas ou digitadas, um campo de refúgio. Vivo em Juazeiro-BA desde 2017 e como beira de rio, me refaço e me remodelo sempre que posso. Amante das ciências e lutas sociais, vislumbro uma era que mais poesias serão escutadas.



Se eu sei não sei é o distanciamento
E o outro não sei é o outro distanciamento
Distanciamento de quem me deixou longe
Você
Lá no Planalto Central
Leis, ordem, judiciário, executivo, federativo
Se eu não sei....
O que são?
O outro distanciamento é do outro
Ao lado
Em casa
Na rua
Minha vó
Minha bisá
Meus ancestrais!
Se eu não sei minha história..
O que sou?
Sumo
Em
Desinformação
Aqui: desajustado

Laiane dos Santos Amorim

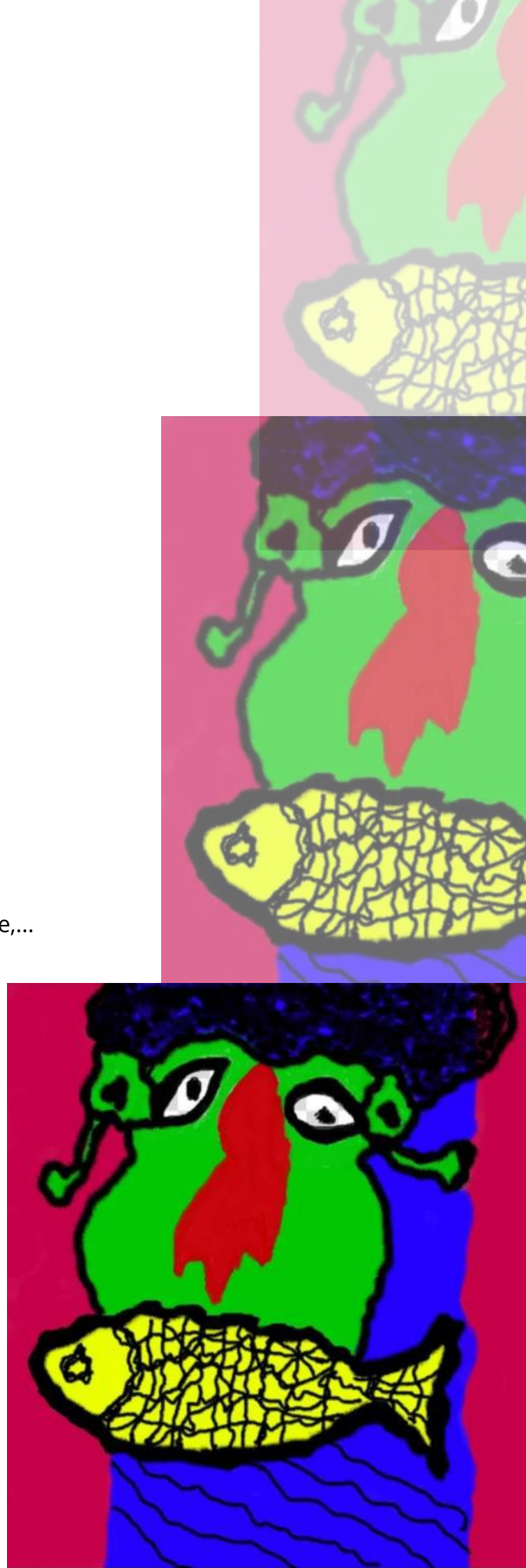
Brincante da vida. Pela arte o mundo é música, e assim eu danço, eu canto, eu rodo e giro. É estudando Ciências Sociais e pensando na educação pública que me fortaleço com a Capoeira Angola para não fragmentar as várias questões sociais que norteiam meu país chamado de Brasil. O mesmo verde, azul, amarelo, vermelho, preto e branco que encontro no Pernambuco, eu vivo na Bahia. Viva meu Juazeiro, cidade natal! Viva minha Petrolina, cidade amada!!!!!!



RISCO E PERIGO

Nascer é um risco.
Alimentar-se é um risco.
Falar é um risco.
Não falar é um risco ainda maior.
Ver é um risco.
Não interpretar é um risco.
Interpretar é um risco maior ainda.
Pensar é um risco.
Não pensar é impossível.
E que chato pensar!
Refletir que é difícil.
Entender é um risco.
Não entender é um risco.
Formar ideia própria é um risco.
Achar que é própria é ilusão.
Ser adolescente é um perigo.
Viver em sociedade é um perigo.
Viver isoladamente é um perigo impossível.
Do ilusório é depressivo.
desabafar é um grande risco.
Não desabafar causa surto.
Acreditar é banalidade
Não acreditar é um risco, mas um risco normal.
Só dizer que acredita é mais bonito.
Acreditar de verdade é um outro risco...
Pois é um perigo confiar, falar, abrir...,se..., e,...
amar.
Amar é preciso, mas é um perigo.
PERIGO, PERIGO, PERIGO.
Viver é assim? Um constante estado de perigo?

Laiane dos Santos Amorim



A vida ou o nó de cada um



Sou Luana, de lua, de fases,
mudanças

De mimos, caprichos, carinho
Com ritmos, sorrisos, deslizes
Filha. Irmã. Amiga. Estudante
de Psicologia

Sou vendedora. Inovadora. E
por que não escritora?
Sou transform(ação)!

Ninguém disse que ia ser fácil, né?
A vida acomodada parece ser mais agradável
A rotina corrida, mais desconfortável
Mas disseram que para se desenvolver, tem que
pagar para ver

Ninguém disse que depois de nascer tudo ia ser
flores
Teve que ralar, se reinventar e aprender
Que nem todo para sempre é para valer
Às vezes ele acaba e te acaba

Ninguém disse que ia ser fácil, né?
Depois que cresce, ou amadurece
Ou se entristece com os impasses da vida
Sofrer, viver, amar, acariciar. No fim, apreciar ou
aprender

Ninguém disse que depois de nascer tudo ia ser
flores
Teve medo, incertezas, sofrimentos, tiveram perdas
Mas só teve coisa ruim? Não!
Teve amor. Eu sou amor, cuidei, reguei e não mais
me acomodei

Conforto para chamar de lar? tive muitos
Mainha, painho, amiguinhos. Familiar!
tudo que nos faz querer ficar e
também voltar, pois os braços que acolhem, chamo
de lar

Ninguém disse que ia ser fácil, né?
Ser e se tornar mulher
Buscar e lutar por sonhos
Ser forte, até quando tudo te faz fraca

E mesmo que nem tudo seja bom
Posso em meio às dificuldades
Dar-me flores e me acolher
Amar, reinventar e entender
Que eu, por mim e pelos meus é que é para valer!

Luana Dantas Freitas

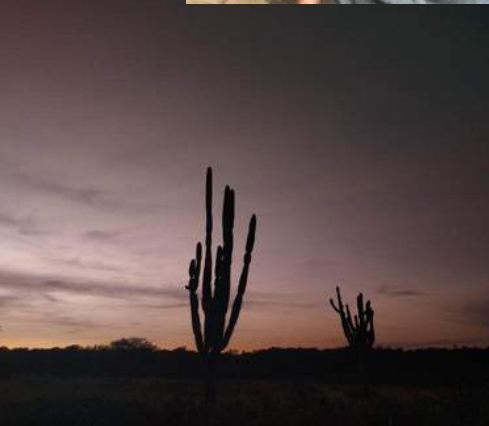
Quadrinha:

Para o artista ser reconhecido, não basta apenas saber escrever
é preciso ter ação, movimento
e principalmente ação
para não se deixar abater!

Luana Dantas Freitas



Como se descrever em linhas gerais? Colocar 25 anos de existência e experiências que compõem a vida em curtas palavras? Bem, atualmente estou aprendendo, errando, aprendendo a aceitar meus erros, meus acertos e a complexidade do que existir em momentos. Como dito, tenho 25 anos, e percebo que o tempo passa cada vez mais rápido. Petrolinense, com raízes familiares fincadas em solo árido do interior de Casa Nova. Estudante de psicologia. Questionador e vigia do meu próprio ser.



Assim como a beleza é subjetiva
ou deveria ser
beleza é dita para ser vista,
mas o que escutam?

O que lemos?

O que apreciamos?

Quem são as pessoas por trás de palavras, imagens
ou vozes?
Sabemos?

Existe beleza em expor o que sentimos
Existimos
Além de conceitos dados
de espaços tirados
sobrevivemos

Abriam espaços
não sem suor e sangue
e não tem nada de belo nisso

Mas esses espaços
esses lugares ditos lisonjeados
quem os ocupa?

O holofote do dito belo
as várias páginas
os vários versos
Onde está a revolta?
E os ventos secos?

Maurício Otávio Loura de Souza

“Seja Feliz”

Tenho me arrepentado
Acompanhado o que dizem ser uma fase
Enquanto isso os recados chegam até nos dias
vagos
Cobrando
Pedindo
Exigindo
Exausto

Maurício Otávio Loura de Souza

As chagas abertas de um coração ciberpunk

Eu ouço o coração que dizem não existir,
estou preso na ilusão que estou vivo, mas
subsisto com a memória das peças que me faltam,
a própria fala, toque, ato, mato, percepção de adeus.

Eu canto e minha voz não sai, pele sem tato,
traço que não me entende, poesia que não me encanta.
A realidade é uma fantasia de uma lembrança,
que arrancaram de um corpo que não é meu.

E penso nessa distopia, da infame mudança,
todos clamam pelo minha revolução e não enxergam
minh'alma, O QUE EU DESEJO? Eu desejo?
penso sobre mim em pensamentos não meus.

Eu me matei, me reconstruíram.
Eu me olhei, me cegaram.
Eu, produto do nióbio, não sou natureza.
Destruo e regenero, desespero pela verdade.

Escutei de um velho amigo, devo ter lido,
pois não tenho mais do que seis meses,
que "o tempo parou na terra, a vida ultrapassou a arte"
e assim que nascem, as chagas de meu peito.

Estou vagando sobre Flores do Mal, percorrendo um
campo
minado de passado, me chamam de progresso, me
enveneno...
sou o inimigo do meu próprio criador, pois sou fruto do
que
não sou e não amo e não vejo, não recebo, não
entendo.

E agora, declaro fim, pois questiono.
adeus ao por do sol que toca minha pele sintética
e que não provoca nenhum efeito além de mentiras,
pois sou a vida, mas estou abandonado por ela.

Milena da Silva Santos



Coração selvagem, feito carcará!
Filha mais velha, poeta marginal.
Sou uma mulher negra, tenho 21
anos, natural de Juazeiro-BA e
arraigada de 'Pernambuquismo"
dessa Petrolina dos impossíveis.
Escritora, criadora de conteúdo
digital e fã de cultura pop. Poeta!

*Tenho esse sonho maluco com
a mudança e algo me diz que a
esperança é feita de poesia,
embebida de revolta.*

Poema eterno...

Quando não houver voz,
engasgada, escondida,
entre dores e agonias,
reverberar minha escrita
por toda terra viva, livre, preta.

Me faço eterna em palavras,
intensa maré de afeto, desejo,
Força, ação, coração selvagem.

Quando não houver mais eu,
e os olhos marejados de saudade
em teu peito, ressurgi minha memória:
Leia-me, pois assim serei eterna.

Regida pelos sonhos,
guiada para a alegria,
feita de samba, folia,
nessa rede de amizade...

E quando não houver mais tempo,
não se preocupem com o lamento,
Caminhem contra o vento,
mesmo que as pernas estejam bambas.

Pois se existe alguma esperança,
talvez na próxima dança
do mundo que gira e gira,
nossa história traga mudança.

Não somos nada além do que somos,
Poetas e pronto.
Escritoras, criadoras,
solidões, solitudes...

Eterna, eternas.
Pois quando não houver
mais caminho, que o poema
guie nossas almas para a luz.

Viva a/o CLAE

A arte sempre foi uma possibilidade, no expressar, no libertar e no se emocionar.

Nela temos a literatura, mas qual a Arte dentro da Literatura? Você não sabe?!

- São as palavras, uma arma poderosa que compõe a comunicação e a interação, a minha, a sua e a de todos que apreciam. A Literatura é ensino, é aprendizado, é trabalho e também é vida. São os autores que alimentam e enriquecem essa Arte.

Mas quem alimenta os autores?

- Aí é que tá, no mundo capitalista, a arte ainda não é vendida, não é colhida e nem difundida. Falta palco, falta luz, falta atenção, falta valor, falta dinheiro, falta até pessoas, mas não falta amor.

A CLAE ajuda, mas quem é o CLAE?

Ah, você não sabe?!

- A CLAE vende, colhe e propaga, ela não dá dinheiro não, mas dá vez, da voz e oportunidade. Livro ou revista ela publica e distribui, ela contribui para sua felicidade em ver de verdade sua obra de qualidade ser vista por toda sociedade!

Natan Damasceno Sudário

Um ser em (des)construção lançado nesse mundo de possibilidades. Filho biológico da Bahia, fui adotado ainda pequeno por Pernambuco, onde me criei, me aventurei e me tornei quem sou hoje – aos 23 anos de idade ainda me sinto perdido, mas não estagnado. Estudante do curso de Psicologia, amo estar em silêncio e me aventurar em novas experiências. Vivo de momentos e me alimento de lembranças, estas que me movimentam e me fazem querer seguir adiante.

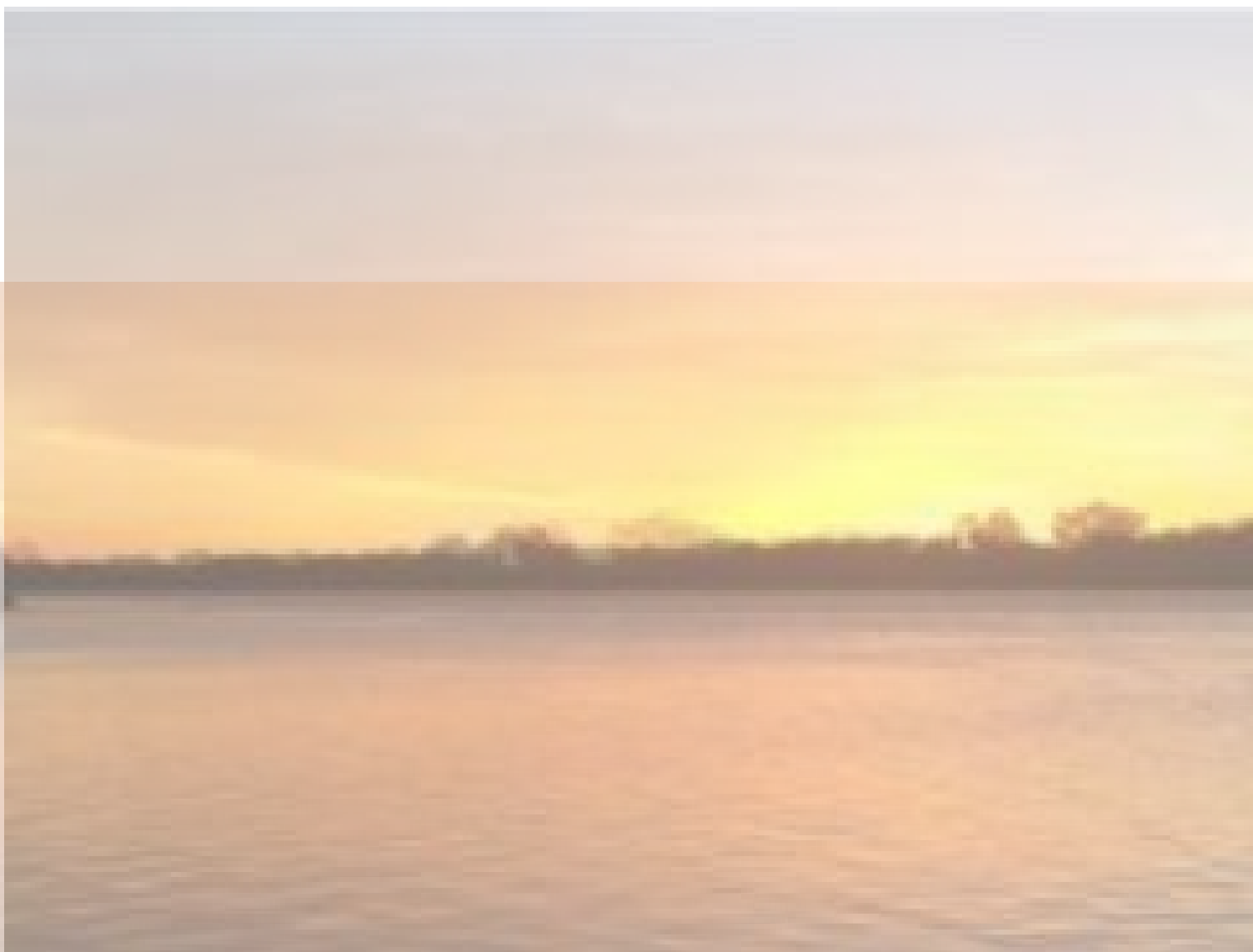


*No fim somos apenas instantes, lembranças que se eternizam.
Somos momentos, memórias que não se apagam.
Então aproveite os momentos enquanto presente. E se caso for tarde, na parede do tempo, pendure suas melhores memórias.*

Natan Damasceno Sudário

Como que se vive?
Em um país onde ninguém é livre
Racismo, xenofobia tudo isso é crime
Como que se vive?
No ódio, na dor e na gritaria
Na miséria e na falta de harmonia
Como que se vive?
No Brasil desigual, intolerante e radical
Me diz, por favor, como que se vive?
Com saudade, injustiça e pandemia
Caos, negligência, genocídio e apologia
Como que se vive?
Sem educação, arte e tecnologia
Como que se vive nesse país?
Com sua cultura desvalorizada e odiada
Não se vive, não convive, não sobrevive.

Natan Damasceno Sudário



O CLAE e suas flores

Nasci para criticar
E critico sem medo
Com força
Enfático, voraz
Por vezes, sarcástico

Pernambucano, ilhéu, criado nas beiradas dos mangues da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Casado com Marina, pai de José, cuidador de Ingá. Doido por peixe, galinha cabidela, bolo fofo e suco de maracujá. Amante de música boa, é um guerreiro que luta com força e amor para que as desigualdades sejam completamente erradicadas. Professor do Colegiado de Administração da Universidade Federal do Vale do São Francisco.



Que desmonta, desconstrói
Mas edifica e mobiliza
Ilustra, desajusta e rivaliza
Mas que busca
Manter viva a letra e a palavra

Escrita e leitura
Uma e outra vivas
Mas apenas se juntas

Se separadas
Morre a escrita sem leitura
E sem a escrita
A leitura vaga por outras representações

Da fome?
Da seca?
Do rio?
Da aspereza da pedra?
Do sotaque terroso do vento?

Com muitas palavras
Ou com poucos versos
Colaboradores diversos
Lutam insubmissos
Para que viva o verbo
E a palavra escrita

E que nessa vida
Aos que ousem gritar
Que sintam que há
Terreno propício
Um campo de flores
As flores do mal

Esticando a Corda do Presente

Esticando a corda do presente
Eu entendo que cabe mais gente
Que mais força a gente sente
Para deixar, aqui no presente
Um futuro curtinho, concretamente

Esticando a corda do presente
Eu entendo que nele, o passado,
Não preso onde estive
Faz sentido e dá sentido ao lutar
Um lutar pelo tempo presente

Esticando a corda do presente
Acredito que não se dará tempo
Para o desperdício da experiência
Que, se fosse por causa desse jeito de fazer ciência
A gente nem saberia que alternativas possíveis há

Esticando a corda do presente
Onde todo mundo vive
Uns com mais e outros com menos
Penso que a igualdade, se impossível,
Será o mote que mobiliza toda a gente

Esticando a corda do presente
Para traduzir a vida dura de quem trabalha
Contente ou descontente
É preciso empatia e um tanto de subversão
E esticar a corda, sem medo que ela arrebente.

Considerações Finais

Provocado a se manifestar sobre Memórias e Lutas no Vale do Submédio São Francisco, o grupo de trabalho decidiu colaborar com as tarefas de pensar e experimentar a história da região a partir da investigação e exposição da formação e trajetória do coletivo denominado Círculo Literário Analítico Experimental (CLAE). O principal objeto aglutinador desse coletivo foi a edição de uma revista, que faz circular a produção literária de autoras e autores regionais, então sem espaço para a divulgação de suas obras. Sendo essa revista uma marca fundante do CLAE, optou-se por elaborar um produto final que expusesse, no mesmo formato, os resultados do trabalho realizado.

Assim, buscou-se abordar aquela trajetória de luta a partir da visão própria de quem a fez realidade, ancorado nos procedimentos sociológicos enumerados por Santos (2002). Trata-se de uma tentativa de (1) alargar a experiência presente, de modo que o tempo-espaço presente não seja algo fugaz, passageiro, e nele caibam e sejam valorizadas tantas quantas forem as experiências sociais em curso no mundo atual, em especial aquelas nas correntes contra-hegemônicas; (2) contrair o futuro, indefinidamente expandido pela concepção linear do tempo presente e historicamente determinado pela planificação; e o árduo trabalho de (3) traduzir essas experiências, que alargam o presente e abrem perspectivas de futuros diversos, não apenas aquele que a planificação da história coloca como uma extensão do presente.

Com base nessas concepções, percebeu-se que o CLAE se configura como um campo no qual vozes difusas encontram espaço para se manifestar e lutar por direitos e acesso à literatura. Todavia, sua luta não se restringiu apenas ao campo literário, pois com a participação de seus integrantes em instituições culturais e na estrutura da gestão de políticas públicas municipais, diversas expressões artístico-culturais puderam ser promovidas e se manterem resistentes. Dos espaços mais reservados aos grandes eventos, e fora dos circuitos tradicionais, o CLAE tornou-se uma rica fonte de experiências sociais. E a representação deixada aqui buscou colaborar para que não se desperdice esse rico repositório de experiências, proliferando as realidades nele e por ele produzidas.

Referências

ASSIS, Antônio Carlos Coêlho de. 2021. *Juazeiro de perto: uma mistura de arte, cultura e política*. São Paulo: Scortecci.

BRASIL. Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991. Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Seção 1, Brasília, DF, ano 129, n. 249, p. 30261-30264, 24 dez. 1991.

CALABRE, Lia. 2005. Política Cultural no Brasil: Um histórico. In: I ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador.

CALABRE, Lia. 2013. Participação social na construção de planos setoriais de políticas públicas: um estudo do Plano Nacional de Cultura. In: VI CONSAD - Congresso de Gestão Pública, Brasília. Disponível em: <http://consad.org.br/wp-content/uploads/2013/05/066-PARTICIPA%C3%87%C3%83O-SOCIAL-NA-CONSTRU%C3%87%C3%83O-DE-PLANOS-SETORIAIS-DE-POL%C3%8DTICAS-P%C3%9ABLICAS-UM-ESTUDO-DO-PLANO-NACIONAL-DE-CULTURA.pdf>. Último acesso em 04 de abril de 2022.

CANDIDO, Antonio. 2011. O direito à literatura. In: Antonio Candido. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, p. 171-193.

CARVALHO, Cristina Amélia Pereira de. 2009. O Estado e a participação conquistada no campo das políticas públicas para a cultura no Brasil. In: Lia Calabre (org.). *Políticas culturais: reflexões e ações*. São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, p. 19-34.

RIBEIRO, Erika Jane. 2020. *Vozes femininas na poética contemporânea: letramentos de reexistência no Vale Do São Francisco*. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos). Universidade do Estado da Bahia.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. 2007. Políticas culturais no Brasil: tristes tradições, enormes desafios. In: Antônio Albino Canelas Rubim; Alexandre Barbalho. *Políticas culturais no Brasil*. Salvador: EDUFBA, p. 11-36.

SANTOS, Boaventura de Sousa. 2002. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], n. 63. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/1285>. Último acesso em 22 de março de 2022. DOI: <http://doi.org/10.4000/rccs.1285>

